

CASSANDRA CLARE

Princesa Mecânica

CAÇADORES DE SOMBRAS

As Origens - Livro 3

Tradução
Nuno Daun e Lorena

LIVROS FANTÁSTICOS

 Planeta

Para Melanie, Jonathan e Helen, da família Lewis



«Compreendo aqueles que cantam
Ao som de uma harpa,
Para que os mortos possam erguer-se
Para desígnios mais altos.»

ALFRED, LORDE TENNYSON,
In Memoriam A.H.H.



Prólogo

IORQUE, 1847

– Fique aqui comigo, avô – disse a pequenita, sentada na cama. – Tenho medo.

Aloysius Starkweather grunhiu de impaciência enquanto arrastava uma cadeira para junto da cama e se sentava. O som desagradável só em parte era autêntico porque ele gostava da confiança da neta ao ponto de, muitas vezes, ser o único capaz de a acalmar. Aliás, o seu feitio rude nunca incomodava a pequena apesar da sua natureza delicada.

– Vais ver que não precisas de ter medo, Adele – disse ele.

A pequena olhou para ele com uns olhos enormes. Em geral a cerimónia da primeira runa teria lugar numa das enormes salas do Instituto de Iorque, mas, devido aos seus nervos e saúde frágeis, ficara decidido que poderia ocorrer na segurança do seu quarto. A pequena, muito direita, estava sentada na beira da cama, com o vestido encarnado cerimonial e com uma fita também encarnada a prender-lhe os cabelos louros. Os olhos, no rosto estreito, pareciam enormes e os braços eram magros. Tudo nela era tão frágil quanto uma chávena de porcelana.

– Os Irmãos Silenciosos – disse ela. – O que me vão fazer?

– Dá-me o teu braço – disse Aloysius. A pequena obedeceu, confiante e ele virou-o, expondo-lhe as pálidas veias azuis. – Vão usar as estelas... tu

sabes o que é uma estela... para te fazer uma Marca. Em geral começam pela runa da Clarividência, que tu conheces dos teus estudos, mas no teu caso vão começar pela da Força.

– Porque eu não sou muito forte.

– Exacto. Para te dar força.

– Como o caldo de carne – disse Adele, franzindo o nariz.

Aloysius riu-se.

– Não é tão desagradável. Vais sentir uma pequena picada. Tens de ter coragem. E não podes chorar porque os Caçadores de Sombras não choram quando têm dor. Vais ver que depois sentes-te muito mais forte. Assim que a cerimónia terminar vamos lá abaixo comemorar com bolos gelados.

– E uma festa! – disse Adele, batendo com os calcanhares.

– Sim, uma festa. E presentes – ripostou ele batendo na algibeira, onde tinha um pequeno estojo embrulhado em papel azul com um anel de família lá dentro. – Tenho um aqui mesmo que vais receber assim que a cerimónia terminar.

– É a primeira vez que tenho uma festa.

– Porque vais tornar-te uma Caçadora de Sombras – retorquiu ele.

– Sabes que é muito importante, não sabes? As tuas primeiras marcas querem dizer que és uma Nefilim, como eu, como a tua mãe e como o teu pai, querem dizer que fazes parte da Clave, que fazes parte da nossa família guerreira, que és diferente e melhor do que toda a gente.

– Melhor do que toda a gente – repetiu ela devagar, ao mesmo tempo que a porta do quarto se abria e dois Irmãos Silenciosos entravam.

Adele retirou o braço das mãos do avô ao vê-los e este notou-lhe uma centelha de medo nos olhos. Aloysius franziu o sobrolho porque não gostava de ver medo na neta, apesar de não poder negar que os Irmãos, no seu silêncio e nos seus movimentos deslizantes, eram misteriosos.

Enquanto estes davam a volta à cama, a porta abriu-se de novo para dar passagem aos pais de Adele, ambos vestidos de escarlata. Ele, o filho de Aloysius, com o fato de combate dos Caçadores de Sombras e ela com um vestido de saia rodada e um colar dourado ao pescoço, do qual pendia uma runa *enkeli*. A pequena abriu os lábios num sorriso trémulo no momento em que os Irmãos Silenciosos a rodeavam.

Adele Lucinda Starkweather, disse a voz do primeiro Irmão Silencioso, o irmão Cimon. *Chegou a hora de receberes a primeira Marca do Anjo.*

Estás consciente da honra que te é concedida? Farás tudo o que estiver ao teu alcance para seres merecedora dela?

– Sim – respondeu Adele, obediente.

E aceitas estas Marcas do Anjo que ficarão para sempre no teu corpo como lembrança de tudo o que deves ao Anjo e do teu dever sagrado para com o mundo?

– Aceito – respondeu ela de novo. O coração de Aloysius inchou de orgulho.

Então podemos começar. Uma estela cintilou na mão longa e branca do Irmão Silencioso. Este pegou no braço trémulo de Adele e começou a desenhar-lhe na pele com o artefacto.

Adele, tensa, mordendo o lábio superior, olhou para a parte interior do seu braço, maravilhada, vendo as linhas delicadas do símbolo da Força a cruzarem-lhe as veias, a envolverem-lhe o braço, e depois fixou o avô, espantado com o que viu nos olhos da pequenita.

Dor. Era normal sentir alguma dor naquelas circunstâncias, mas Aloysius viu agonia nos olhos da neta.

O ancião levantou-se de imediato, atirando com a cadeira de pantanas.

– Alto! – gritou ele, demasiado tarde porque a runa estava completa. O Irmão Silencioso recuou, espantado, ao ver sangue na estela. Adele, indiferente ao pedido inicial do avô, começou a choramingar, mas de repente a pele lacerada, sangrenta, começou a arder-lhe e a cair-lhe dos ossos e ela desatou a gritar, desesperada, com a cabeça atirada para trás...

LONDRES, 1873

– Will! – chamou Charlotte Fairchild, entreabrindo a porta da sala de armas do Instituto. – Estás aí, Will?

A única resposta foi um resmungo abafado. A porta abriu-se por completo, revelando a grande sala de tecto alto. A própria Charlotte, que crescera a treinar nela, conhecia cada uma das tábuas do soalho, o velho alvo pintado na parede norte, as janelas de vidros quadrados, tão velhas que eram mais grossas na base do que no topo. No centro da sala estava Will Herondale com uma faca na mão direita.

O rapaz virou a cabeça e Charlotte deu consigo a pensar que tinha na sua frente uma criança bem estranha. Se bem que aos doze anos Will, um belo rapaz de espessos cabelos negros que lhe chegavam em ondas à testa e à gola encharcada em suor, já não fosse nenhuma criança. Aquando da sua chegada ao Instituto, o rapaz tinha a pele bronzeada devido ao ar do campo e ao sol, mas aqueles seis meses na cidade tinham-lhe devolvido a cor avermelhada das maçãs do rosto. Os seus olhos, porém, continuavam de um azul invulgar, luminoso. Will seria, um dia, um belo homem se conseguisse tirar do rosto o permanente ar de troça que o desfigurava.

– O que é, Charlotte? – perguntou ele em tom cortante.

O rapaz continuava a falar com um ligeiro sotaque galês. Noutra pessoa qualquer o rolar das vogais até seria fascinante, mas nele, com aquele tom sempre tão azedo... Will passou a manga da camisa pela testa quando ela meteu o corpo pela porta.

– Ando há horas à tua procura – respondeu ela com alguma aspereza, o que pouco o afectou, já que poucas coisas o afectavam quando ele estava com os azeites, o que era quase sempre. – Não te lembras de ontem te dizer que hoje chegava um rapaz novo?

– Lembro – respondeu Will, lançando a faca. A arma cravou-se fora do círculo do alvo, fazendo-o franzir ainda mais o sobrolho. – Só que estou-me nas tintas.

O rapaz atrás de Charlotte emitiu um som sufocado. Uma risada, pensou ela, incapaz de acreditar que ele estivesse a rir-se. Era suposto o rapaz, vindo de Xangai, não estar bem, mas mesmo assim ela ficara espantada ao vê-lo sair da carruagem, oscilando como uma cana ao vento, pálido, de caracóis grisalhos como se se tratasse de um homem de oitenta anos e não um rapaz de doze. Os olhos enormes eram de um negro-prateado, de uma beleza estranha, mas perturbadores num rosto tão delicado.

– Fazes favor de ser bem-educado, Will? – ordenou ela, pegando no rapaz que tinha atrás de si por um braço e fazendo-o entrar na sala. – Não te preocupes, ele é mesmo assim. Will Herondale, apresento-te James Carstairs, do Instituto de Xangai.

– Jem. Toda a gente me chama Jem – disse este, olhando para Will com curiosidade amigável, sem qualquer sotaque, pensou Charlotte, surpreendida, apesar de o seu pai ser inglês. – Também podes chamar-me assim.

– Se toda a gente te chama isso, não me estás a fazer nenhum favor, pois não? – perguntou Will em tom ácido. Apesar da idade, o rapaz era capaz de ser desagradável. – Vê se percebes, James Carstairs, que é melhor para os dois se me deixares em paz.

Charlotte suspirou, perdida a esperança de que o rapaz, da mesma idade de Will, conseguisse tirar-lhe a ira e a maldade e olhou para Jem à espera de o ver pestanejar de surpresa ou de dor, mas viu-o a sorrir, como se Will fosse um gatinho que o tivesse tentado arranhar.

– Não treino desde que saí de Xangai – disse ele. – Fazia jeito um parceiro.

– Também eu – retorquiu Will – mas quero alguém capaz de me fazer frente e não uma criatura escanzelada que parece a caminho do túmulo. Em todo o caso és capaz de ser útil como alvo.

Charlotte, consciente do que fizera por James Carstairs, um facto que não partilhara com Will, sentiu-se horrorizada. *A caminho do túmulo? Santo Deus.*

O seu pai dissera-lhe que Jem dependia de uma droga para viver, de um medicamento qualquer que lhe prolongava a vida, mas que não lha salvava. *Oh Will*, pensou ela, colocando-se entre os dois rapazes, como se quisesse proteger um da crueldade do outro.

A expressão de Jem não se alterara.

– Se com essa de «parece a caminho do túmulo» queres dizer que estou a morrer, tens razão – disse ele. – Tenho mais dois anos de vida, três se tiver sorte. Pelo menos é o que me dizem.

– Eu... – replicou Will, corando, incapaz de esconder a atrapalhão.

Jem dirigiu-se ao alvo, arrancou a faca da madeira, virou-se e aproximou-se de Will com o braço estendido.

– Podes usar-me como alvo, se quiseres, mas não me parece que precise de ter medo porque tu não sabes lançar uma faca – disse ele como quem não quer a coisa, virando-se e lançando a arma, que foi cravar-se no centro do alvo, vibrando ao de leve. – Se quiseres, posso ensinar-te.

Charlotte olhou para Will, espantada; havia meio mês que o via afastar quem tentava aproximar-se dele, quer fossem tutores, o seu pai, o seu noivo, Henry ou os irmãos Lightwood com uma combinação de ódio e crueldade. Não fora ela ser a única pessoa que o vira chorar e também teria perdido a esperança de o ver ser amável para alguém. E no entanto ali

estava ele a olhar para Jem Carstairs, um rapaz de aparência tão frágil que parecia feito de vidro, com uma expressão de incerteza.

– Estás *mesmo* a morrer? – perguntou ele com voz esquisita.

– Parece que sim – respondeu Jem, anuindo.

– Lamento – disse Will.

– Não – retorquiu Jem em tom suave, despindo o casaco, desembainhando uma faca que tinha no cinto e estendendo-lha pelo punho. – Não sejas vulgar, não digas que lamentas, diz que treinas comigo.

Charlotte susteve a respiração, com medo de se mexer, sentindo-se como se estivesse a assistir a qualquer coisa importante, apesar de não saber o quê.

Will estendeu o braço e pegou na faca sem deixar de olhar para Jem, roçando-lhe os dedos pela mão. Era a primeira vez que Charlotte o via tocar noutra pessoa de livre vontade.

– Treino contigo – disse ele.